

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Juventude Operária Católica (JOC) em Santa Catarina (1948-1970):
experiências e memórias**

Victória Gambetta da Silva*

Resumo: O presente trabalho pretende observar a trajetória da Juventude Operária Católica (JOC) no estado de Santa Catarina, iniciada em 1948. Mais precisamente, estará focado na análise nos reflexos e particularidades do movimento em atuação na capital do estado, Florianópolis. Partimos do pré-suposto de que mesmo estabelecida como um movimento de cunho nacional, com padrões organizacionais e doutrinários divulgados e incentivados na perspectiva da manutenção de uma unidade de objetivos, a diversidade dos contextos estaduais e também das Dioceses impunha à JOC uma dinâmica de adaptar-se às necessidades do meio ao qual se inseria.

Palavras Chave: JOC – Igreja Católica – Santa Catarina

Abstract: The present work intends to observe the trajectory of the Catholic Laborer Youth (JOC) in the state of Santa Catarina, initiated in 1948. Most precisely, it will be focused on the consequences and particularities of the movement's activities in the capital of the state, Florianópolis. This work begins with the idea that even though established as a nationwide movement, with doctrinal and organizational standards divulged and stimulated to maintain the unity of objectives, a diversity of state and dioceses scenes imposed JOC a dynamics of adaptation to the needs of each of the scene in which it was a part of.

Keywords: JOC - Catholic Church – Santa Catarina

A história da JOC em Santa Catarina teve início a partir de 1948. Data em que oficializado pela Igreja Católica o movimento jocista - centrado no objetivo de promoção humana e cristã da juventude, de ambientes operários, quer industriais, quer comerciais -, ganhou proporções e respaldo nacionais (MURARO, 1983:10). Organizada inicialmente na capital Florianópolis e, ao longo de sua trajetória, atingindo as quatro dioceses existentes no estado no período e um total de nove municípios¹, a JOC catarinense estabeleceu-se inserida em um quadro de reorganização das formas de apostolado e recuperação de influência no qual se pautava não apenas a Igreja Católica brasileira, mas a Igreja Católica de forma geral.

Segundo Huges Portelli, as transformações políticas e sociais ocorridas no correr do século XIX, “despertaram a Igreja para as questões sociais de sua época” e para a importância delas na manutenção de seus *status quo*. As idéias modernas semeadas desde o fim do Absolutismo relegaram à Igreja uma posição subalterna frente ao Estado e passaram, através do questionamento de sua visão de mundo, a ameaçar a sua influência na sociedade civil (PORTELLI, 1990:11-14).

* Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES.

¹ As quatro dioceses existentes em Santa Catarina entre os anos de 1948 e 1970 são: Florianópolis, Tubarão, Lages e Joinville. As doze cidades são: Florianópolis, Joinville, Blumenau, Itajaí, Lages, Tubarão, Criciúma, Brusque, Jaraguá do Sul.

A aposta na organização da ação dos leigos em nome do catolicismo através de instrumentos como a JOC, surgiu como uma das respostas da Igreja a essa situação. No contexto brasileiro especificamente, os movimentos de apostolado leigo ganham força a partir da década de 1950, na qual o avanço dos processos de industrialização e urbanização do país favoreceram a propagação de novas religiões e de doutrinas contrárias à religião católica, como o socialismo (KASPARI, 2002:66-86). Segundo Alceu Kaspari,

Os grandes centros urbanos não juntavam apenas pessoas, aproximavam também idéias diferentes, proporcionavam a geração de trocas culturais, formavam opiniões, produziam conflitos e despertavam para a crítica, cultivando novas consciências (KASPARI, 2002:38).

Não apenas a juventude operária, mas todos os demais setores de apostolado leigo da Ação Católica Brasileira (ACB)² são oficializados no país no final da década de 1940 e início da década de 1950 (KADT, 2003:94).

Dentro dessa perspectiva, a implantação de núcleos jocistas nas Dioceses passou a ser incentivada pela Igreja com o objetivo de manter e/ou recuperar a influência desta sobre a classe trabalhadora. Dotada de um Secretariado Nacional, estatutos próprios e dividida em seis regiões de influência (Norte, Nordeste, Centro, Centro Oeste, Sul e Extremo Sul), oito anos após a sua oficialização, a JOC brasileira tinha seções espalhadas por todos os estados da Federação (MURARO, 1983:86).

A base de todo o jocismo estava na paróquia onde era organizada a Seção Local. Nela os jocistas recebiam a maior carga de informação e de formação. Cada seção era constituída por uma equipe de militantes que atuavam no seu local de trabalho e no bairro. Reuniam-se semanalmente tendo como guia o Boletim do Militante com um programa das reuniões enviado pela Equipe Nacional da JOC. Cada seção era supervisionada por um assistente eclesialístico nomeado diretamente pelo bispo da região. Este assistente era o responsável pela formação dos militantes e pela manutenção da ortodoxia doutrinal do movimento (MURARO, 1983:86-95).

No entanto, ao mesmo tempo em que se estabelecia como um movimento de cunho nacional, com padrões organizacionais e doutrinários divulgados e incentivados na perspectiva da manutenção de uma unidade de objetivos, a diversidade dos contextos estaduais e também das Dioceses impunha à JOC uma dinâmica de adaptar-se às necessidades

² A Ação Católica Brasileira (ACB) teve seus fundamentos lançados no país em meados da década de 1930. Era o órgão que concentrava e coordenava os movimentos de apostolado leigo no Brasil. Além da JOC, oficializada em 1948 como já colocamos, compunham a ACB: a Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC) e Juventude Universitária Católica (JUC), todas oficializadas em 1950. Esses grupos caracterizavam-se por um apostolado “especializado” organizado segundo categorias sociais, “orientando cada militante para viver sua missão dentro de seu meio social: os operários entre os operários, os rurais entre os rurais e os estudantes entre os estudantes”.

do meio ao qual se inseria (MURARO, 1983:102). Dessa forma, verifica-se na trajetória do movimento no estado uma diversidade de experiências e memórias conseqüentes das particularidades encontradas em seus contextos e espaços de atuação. Tratando-se da experiência jocista na capital Florianópolis, foco específico deste artigo, nos foi possível identificar dois aspectos que diferenciam a atuação do movimento em relação às demais cidades catarinenses nas quais se estabeleceu.

Em primeiro lugar os espaços de atuação, visto que a cidade não se caracteriza como uma cidade operária, com um parque industrial desenvolvido e economicamente hegemônico. Mas sim, como uma cidade de setor terciário, funcionários públicos e comerciantes. Segundo o historiador Valmir Martins, a capital catarinense pode ser descrita como

Uma cidade onde o setor Terciário da economia é amplamente hegemônico. Conta, do ponto de vista clássico, com uma inexpressiva classe operária. Não era, como ainda não é, um parque industrial que merecesse algum destaque. A população urbana constituía-se de funcionários públicos, comerciários, comerciantes e outros trabalhadores do setor (MARTINS, 1980:130).

Este cenário também é compartilhado pela memória. Em depoimento cedido para a realização desta pesquisa, Marcílio C. Krieger, militante da JUC, afirma: “Florianópolis não tinha classe operária. Tinha só fábrica de rendas. Não havia um núcleo operário. A cidade foi sempre caracterizada como uma cidade de serviços”³. A mesma interpretação, de uma capital voltado ao serviço público, também aparece no depoimento de Francisco José Pereira, militante do Partido Comunista.

Bom, Florianópolis, era uma cidade burocrática, de servidores públicos, não havia indústria, e assim como ainda hoje, não existia uma classe operária, a não ser na construção civil. E o sindicato mais forte era exatamente o da construção civil. Estava em atividade também o sindicato dos bancários e os servidores públicos através de sua associação.”⁴

Assim, enquanto os núcleos jocistas estabelecidos no interior do estado atuavam diretamente no movimento operário em fábricas e indústrias, como no caso dos municípios da região do Vale do Itajaí, Blumenau, Joinville, Brusque, Itajaí, Jaraguá do Sul, ou no movimento organizado dos mineiros, no caso da região sul do estado (SCHIMITT, 2004:37-48) a JOC de Florianópolis tinha nos comerciários, empregadas domésticas, trabalhadores da construção civil e da Imprensa Oficial do Estado seu foco de atuação.

³ Entrevista de Marcílio César Ramos Krieger, concedida à Victória Gambetta da Silva em 24 de fevereiro de 2005, p.7. O senhor Marcílio complementa a interpretação na página 11 da mesma entrevista. Segundo ele: “havia, basicamente a mão-de-obra feminina da fábrica de rendas da Hoepcke”. Arquivo da autora.

⁴ Entrevista de Francisco José Pereira, concedida à Victória Gambetta da Silva em 13 de janeiro de 2005, p.1. Arquivo da autora.

Os primeiros núcleos da JOC em atividade na capital foram os femininos. Em correspondência enviada ao Secretariado Nacional em 1949, a diretoria da Juventude Operária Católica Feminina (JOCF) informa a existência de quatro núcleos em funcionamento.

Temos 4 núcleos: núcleo São Luiz, na Imprensa Oficial do Estado (do qual eu e a Secretária geral somos apenas membros). A dirigente é Isolina Teixeira; núcleo esse que possui 13 membros (que já receberam o distintivo); núcleo Auxiliadora, também na Imprensa Oficial que é composto de umas 7 estagiárias, do qual é dirigente Jurema Heil; núcleo São José, da Fábrica de Bordados Hoepke, com 4 estagiárias e 4 efetivas, cuja a dirigente é Maria de Lourdes Medeiros; núcleo Santa Marta com 4 efetivas e 5 estagiárias, todas domésticas, inclusive a dirigente, Josefa Ferreira.⁵

Quanto aos núcleos masculinos, temos registro de um na Imprensa Oficial do Estado e outro no Sindicato dos Empregados da Construção Civil até o ano de 1950. Posteriormente, através de notícias publicadas no jornal “A Gazeta”, de circulação diária na capital, nos foi possível identificar a participação de jocistas no também no Sindicato dos Comerciantes.⁶ Bem como da formação de um time de futebol amador, a JOC futebol Clube, que disputava os campeonatos varzeanos entre os anos de 1950 e 1956.⁷

Destacamos ainda, que até o ano de 1964, a historiografia catarinense, tanto geral, quanto específica ao tema dos sindicatos, aponta o Sindicato dos Empregados da Construção Civil como espaço de forte atuação de militantes comunistas (MARTINS, 1995:194) Da mesma forma, em uma das atas de reunião da JOCF, a presença comunista também é apontada na Imprensa Oficial do Estado.

Foi conseguido também junto aos dirigentes da Fábrica de Bordados e da Imprensa Oficial permissão para o Revmo Cônego Frederico Hobold fazer uma preleção aos operários. P trabalho foi suspenso e o es- (...) sacerdote instruiu-os por 30 minutos. (...) a Imprensa Oficial um dos focos comunistas mas, apesar de tudo, houve muito respeito e atenção da parte de todos os operários por ocasião das duas visitas.⁸

Ainda que buscasse espaços de atuação diferenciados, se comparados àqueles dos núcleos das cidades do interior do estado, a JOC da capital permanecia atenta aos princípios doutrinários nacionais. A Igreja Católica de forma geral tinha no comunismo uma ameaça a sua concepção de mundo e à ordem social estabelecida. Sendo este inclusive, apontado como um dos motivos, talvez o principal, para o estabelecimento dos movimentos de apostolado leigo. Dessa forma, a implantação núcleos joicistas em espaços de atuação comunista, configura-se um fator importante na disputa por influência.

⁵ As transcrições das fontes utilizadas neste trabalho são transcrições *ipsis literis* do conteúdo referenciado. Correspondência enviada. Documento único, 1949 a 1950, p.1. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC/PUC/SP, rolo 31.

⁶ A Gazeta, 01 de maio de 1953, p6.

⁷ A Gazeta, 11 de novembro de 1952, p7.

⁸ Ata de Reunião, 1948, p1. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC/PUC/SP, rolo 31.

O segundo aspecto que diferencia a atuação do movimento em Florianópolis é o contato com a Juventude Universitária Católica. Os jocistas atuantes na capital tiveram um contato direto com os militantes da JUC. Característica não presente nas demais cidades devido à inexistência de cursos superiores no interior do estado catarinense até o final da década de 1960 (MORETTI, 1984:83).

Este contato com o movimento universitário permeia a JOC catarinense desde os primeiros anos de sua fundação. Acompanhando as atividades realizadas pelos jocistas através do jornal “A Gazeta” é possível verificar a participação de membros da JUC em grande parte delas. Ou mesmo, a organização e atuação conjunta em espaços de debate e mesmo associações. Um exemplo interessante dessa relação é a Frente Operário-Estudantil (FOE), fundada na capital em 1956 e que objetivava o trabalho conjunto de estudantes e trabalhadores em prol das reivindicações das classes. Nas palavras de José Luiz Sobierazski, autor na nota publicada, a FOE visava “aumentar os laços de amizade e cooperação entre as duas classes(...) tem ainda em mira o trabalho em comum para salvaguardar os legítimos interesses do povo”.⁹

A FOE não comportava apenas os órgãos de juventude da Igreja Católica, mas também sindicatos e associações estudantis. Ao longo dos anos em que esteve em atividade promoveu reuniões para debate, passeatas e protestos. Em todas as atividades promovidas pela Frente divulgadas pelo jornal A Gazeta, a JOC e a JUC aparecem inseridas na comissão organizadora. Dentre elas citamos o seguinte manifestação.

Operários e estudantes catarinenses protestarão!
Convite: Frente Operário Estudantil, Círculo Operário de Florianópolis, UBRO, JOC -Florianópolis, JOC – Saco dos Limões, Associação Beneficente dos Pintores, Juventude Independente Católica, Juventude Universitária Católica, Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria e Construção Civil, Liga Independente Católica e Sindicato de Panificação de Florianópolis. Convidam os seus associados, operários, estudantes e o povo em geral para participarem de Manifestação monstro de protesto contra as intervenções armadas em países livres, que deverá realizar-se – sábado – dia 10 do corrente – às 19 horas. A concentração de todos os manifestantes será no Largo Fagundes, rumando em seguida para a Praça XV de Novembro, onde falarão vários oradores. Comissão organizadora.¹⁰

A FOE permanecerá em atividade até o ano de 1963, quando será reestruturada pelos jucistas, passando à Frente Operário-Estudantil-Popular. É nesse ponto que encontramos uma questão importante que permeou os movimentos de apostolado leigo a partir da década de 1960: o processo de radicalização. Segundo a historiografia já produzida, sob a influência do pontificado progressista do Papa João XXIII, da teologia humanista francesa, da

⁹ O Estado, 28 de setembro de 1956, p.1.

¹⁰ A Gazeta, 09 de setembro de 1956, p.6.

consolidação da Esquerda Católica¹¹ e do contexto social e político no qual atuavam¹², os setores especializados da Ação Católica Brasileira (ACB), inserem-se em um rápido processo de radicalização. Fato, que desencadeou uma transformação na forma e nos objetivos que até então norteavam a atuação desses grupos e os colocou em choque com setores conservadores da hierarquia da Igreja. Bem como, foi fundamental no desenvolvimento de uma forma de pensamento e prática religiosos radicalmente novos, cujos reflexos seriam sentidos pela instituição nas duas décadas seguintes ((LOWI, 2000: p.230).¹³ O movimento da AP (Ação Popular) é um dos frutos desse processo (MAIWAING. 2004, 85-87).¹⁴

A percepção dessa mudança no interior da JUC é possível a partir de 1958. “Momento em que os “jucistas” passaram a engajar-se em projetos sociais concretos e a discutir sobre a realidade nacional brasileira” (RICHARD, 1982:153). Em consequência, inseriam-se em um contexto de convivência com outras correntes de pensamento, especialmente as socialistas e comunistas, as quais até então precisavam fazer frente. E aos poucos passaram a questionar aspectos das idéias dominantes na Igreja, como a passividade política diante de ordem estabelecida e a reavaliar sua própria função como movimento apostólico (RIDENTI, 2002:215-216).

Ainda que inserida em um contexto estadual específico, com particularidades de implantação e mesmo de atuação, a JUC catarinense acompanhou, e de forma acentuada, o processo de radicalização que permeou o movimento a nível nacional. Um exemplo significativo desse processo pode ser encontrado no artigo “Para Meditar”, publicado no jornal “Reforma”, órgão oficial da UCE em 1963, ano em que a entidade estava sob uma gestão jucista.

Para Meditar: O catolicismo é uma opção vital. Como toda opção ele é radical. E revolucionário. Se encontrares um católico que não seja revolucionário terás diante de ti um homem inautêntico. Mais do que homens e de mentalidades, o problema do mundo hoje, é de estruturas. Derrubá-las é um dever. Para o universitário não sucumbir às tentações do mundo burguês, precisa engajar num esquema revolucionário. Sozinho, ninguém faz revolução. Revolucionar é muito mais que construir, do que destruir. Mas será preciso destruir.¹⁵

Nessa perspectiva, a proximidade das relações entre a JUC e a JOC no estado, que constatamos através da Frente Operário-Estudantil, configura-se espaço importante no contato do grupo jocista com a Esquerda Católica (MORETTO, 1948:69). Como nos endossa a historiografia, a JOC também passou por um processo de radicalização, porém posterior ao

¹¹ Tendência interna da Igreja Católica brasileira, caracterizada como progressista.

¹² Processo de industrialização e urbanização do país durante o governo Juscelino Kubitschek, Revolução Cubana de 1959, o crescimento das mobilizações populares durante o Governo João Goulart, etc.

¹³ Ver também KADT, 2003:185-240; RICHARD, 1982:157-180.

¹⁴ Ver também LOWI, 2000:248.

¹⁵ Reforma, nº1, 1º a 15 de setembro de 1963, p.7. Centro de Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Caixa 8.

da JUC¹⁶, já em meio ao Golpe Militar de 1964. Fato que, conseqüentemente, nos remete a uma possível influência do primeiro processo de radicalização no segundo. Segundo Scott Mainwaring

O impacto da Esquerda Católica sobre a JOC foi forte, não somente porque os outros movimentos criaram um novo modo de entender a missão da Igreja, mas também porque a JOC teve algumas interações com os outros movimentos da ACB, sobretudo na cúpula. Os militantes da JUC tinham encontros freqüentes com os líderes da JOC, encorajando-os a uma visão mais progressista da fé. Em algumas ocasiões os militantes da JUC davam cursos aos jocistas para ajudá-los a desenvolver um conhecimento mais profundo da realidade brasileira (MAIWARING, 1983:42-43).

Ainda não nos é possível um parecer conclusivo quanto à radicalização da Juventude Operária Católica em Florianópolis. No entanto, além do referido contato com a JUC, o relatório da sessão de interpelação do deputado estadual Evilásio Coan, realizada no dia 26 de maio de 1964, na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina nos apresenta indícios dessa perspectiva. Nessa sessão deputado é interpelado sobre o auxílio prestado nos tramites para a fundação do Clube dos Sargentos de Florianópolis. Responde a acusação de “agitador” da referida categoria.¹⁷

Entre os documentos que compõem o dossiê de acusação do deputado, pudemos encontrar uma seqüência de correspondências trocadas no ano de 1962 entre o primeiro e o Mons. Agostinho Staehlin, assistente espiritual da JOC. Tratam especificamente do auxílio financeiro prestado pelo deputado ao movimento, mantendo em sua folha de pagamento dois jocistas, caracterizados como “permanentes” do movimento. Este tipo de recurso era utilizado em nível nacional, para subsidiar essa categoria de militantes que dedicavam-se integralmente à JOC e recebiam um salário do secretariado nacional ou de alguma empresa ou “amigo da JOC”.

Se em nível nacional o processo de radicalização da JOC se inicia após o Golpe Militar de 1964, a vinculação ao movimento aparecer nos autos de acusação ao deputado catarinense nos primeiros meses do referido ano nos parece um bom indício de que o movimento no estado tenha seguido as linhas nacionais.

Referências Bibliográficas:

¹⁶ A trajetória da JOC como movimento no país é dividida em três fases: 1948-1958: fase de divulgação e recrutamento; 1959-1964: fase missionária; 1965-1970: fase de ruptura com o Estado e desarticulação.

¹⁷ Sessão de Interpelação do Deputado Evilásio Coan - Centro de Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Caixa 6.

- KADT, Emanuel de. **Católicos Radicais no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- KASPARI, Alceu. **O Discurso Católico em Santa Catarina no período de 1960/1964 e sua Relação com a Legitimação do Golpe de Estado**. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- LOWI, Michael. **A Guerra dos Deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MAINWARING, Scott. *A JOC e o Surgimento da Igreja nas Bases (1958-1970)*. In: **Revista Eclesiástica de Base (REB)**, Petrópolis: Editora Vozes, março de 1983
- _____. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MARTINS, Celso. **Os Comunas: Álvaro Ventura e o PCB catarinense**. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995.
- MARTINS, Valmir. *O golpe de 64: a participação do grupo civil em Florianópolis*. In: DIAS, José de Souza (org). **Santa Catarina em perspectiva: os anos do Golpe**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- MORETTI, Serenito. **Movimento Estudantil em Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC, 1984.
- MURARO, Valmir F. **JOC: Uma utopia Operária?** São Paulo, 1983. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- PORTELLI, Huges. **Os Socialismos no Discurso Social Católico**. São Paulo: edições Populares, 1990
- RICHARD, Pablo. **Morte das Cristandades e Nascimento da Igreja**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.
- RIDENTI, Marcelo. *Ação Popular: Cristianismo e Marxismo*. In: ____ (org). **História do Marxismo no Brasil**. Vol 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: UNICAMP, 2002.
- SCHIMITT, Jaqueline A. M. Zarbatto. *As Perspectivas de análise do Trabalho na Historiografia Catarinense*. In: **Fronteiras: Revista Catarinense de História/Universidade Federal de Santa Catarina**. Departamento de História, programa de Pós-Graduação em História da UFSC e Associação Nacional de História (ANPUH-SC). – n.10 (2002) -. --. Impresso em 2004.